

SEÇÃO: Dossiê Fenomenologia e Hermenêutica

## SOBRE OS DIVERSOS MODOS DE APREENSÃO DO EU NO ITINERÁRIO HUSSERLIANO

### *On the Multiple Modes of Apprehension of the I in the Husserlian Itinerary*

Tássia Vianna de Carvalho<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-0039-9421>

[tassiasete@gmail.com](mailto:tassiasete@gmail.com)

**Resumo:** Pretendemos, neste artigo, apresentar as transformações que a noção de Eu ganha no decorrer do itinerário husserliano; desde a sua exclusão do campo de investigação de uma fenomenologia das vivências, tal como ocorre na *Investigações Lógicas*, especificamente na 5ª investigação, até a descoberta do Eu Transcendental, como polo ao qual os vividos remeteriam, com a instituição de uma fenomenologia transcendental como aparece em *Ideias I*. Desaguando, por fim, em uma investigação a respeito da gênese de constituição deste Eu, tal como será requerida pela investigação fenomenológica de teor propriamente genético. Investigaremos, portanto, as distinções e relações entre estas noções de Eu, em vistas de mostrar que não se tratariam de múltiplos Egos, compreendidos como objetos distintos, mas estes consistiriam em diversos modos de apreensão de um mesmo Eu, a saber, um Eu Funcional.

**Palavras-Chave:** Husserl. Fenomenologia. Subjetividade. Transcendental. Fenomenologia genética.

**Abstract:** In this paper, we intent to shows the transformations suffered by the notion of I in the course of husserlian itinerary; since it was excluded of the field of an phenomenology of the living-experiences, as in the *Logical Investigations*, going through the discovering of the Transcendental I, as the pole witch all the living-experiences as referred to, how it was shown in *Ideas I*, until the investigation of the constitution of this I, that would be required by a Genetic Phenomenology. Therefore, we intent to present the distinctions and the relations between the three notions of I shown at the husserlian itinerary, and we intent to answer how the multiple modes of apprehensions of the I occurs.

**Key words:** Husserl. Phenomenology. Subjectivity. Transcendental. Genetic phenomenology.

### Introdução

A fenomenologia husserliana sofre diversas transformações ao longo de seu desenvolvimento. Neste percurso, a concepção a respeito da noção de Eu vem ganhando contornos distintos. Este Eu, recusado de princípio em suas *Investigações Lógicas*<sup>2</sup>, se torna

<sup>1</sup> Mestra e Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

<sup>2</sup> Tal como apresentado na Edição A da 5ª Investigação, onde Husserl afirma que o único Eu que ele é capaz de encontrar é o Eu Psicológico. Posição que será retratada posteriormente, com a publicação da Edição B, após a realização daquilo que é compreendido como a *virada transcendental*, após o recurso metodológico à époché. Retornaremos a este ponto na sequência.

um acompanhante indissociável dos nossos vividos em *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica I*<sup>3</sup>, e se torna parte central das investigações de uma fenomenologia genética – ao passo que ele parece estar presente antes mesmo dos atos de consciência, fazendo-se necessário voltar os olhares para a gênese da constituição deste Eu.

Apesar da ressaltada importância atribuída a este Eu Transcendental, inseparável de nossas vivências, as explicações a respeito de sua constituição nos serão oferecidas por Husserl apenas a partir de suas obras da década de XX, tais como seus cursos de verão do semestre de 1925, publicados sobre o título de *Psicologia Fenomenológica*, assim como as suas *Análises sobre a Síntese Passiva*, (cuja publicação data textos escritos entre os anos de 1918 e 1926). Esta temática retornará, também, em sua obra amplamente conhecida, as *Meditações Cartesianas*, resultante das Conferências de Paris proferidas em 1931, onde podemos perceber que pensar constituição do Eu se mostraria fundamental para abordar a temática da alteridade, a partir da perspectiva de uma Fenomenologia Genética.

Pretendemos, portanto, abordar neste artigo as modificações na concepção da noção de Eu ao longo do itinerário husserliano. Para tanto, é necessário investigar se haveria alguma forma possível de manifestação do Eu; se este poderia ser fenomenalizado, e se sim, como seria possível que ele se tornasse manifesto? Para isto, se faz necessário distinguir, primeiramente, entre as três noções de Eu que aparecem no itinerário husserliano: o Eu Empírico, o Eu Transcendental e o Eu Monadológico e, simultaneamente, como se realizariam os diversos modos de apreensão entre eles.

### O Itinerário Fenomenológico

Em princípio, é importante ressaltar que a fenomenologia apresentada nas *Investigações Lógicas* é compreendida como uma *fenomenologia das vivências*<sup>4</sup>, por se ocupar em descrever os modos de aparição dos fenômenos a uma consciência que os

---

<sup>3</sup> Daqui em diante, nos referimos a tal obra apenas como *Ideias I*.

<sup>4</sup> Como o próprio Husserl nos mostra já no §2 da Introdução: A fenomenologia das vivências lógicas tem a finalidade de nos proporcionar uma compreensão descritiva (mas não, digamos, uma compreensão empírica e psicológica) destas vivências psíquicas e dos seus insitos (HUA XIX / §2, HUSSERL, 2015, p. 5). E reafirma, posteriormente, no Apêndice XII das suas *Lições para uma consciência interna do tempo*: Toda a fenomenologia que eu tinha em vista nas *Investigações Lógicas* era fenomenologia das vivências no sentido dos dados da consciência interna, e isto, em todo caso, é um campo fechado (HUA X / HUSSERL, 2017, Apêndice XII, p. 191). Contudo, as investigações dos atos e das vivências permanecem cruciais para o desenvolvimento da fenomenologia, mas a ampliação do escopo de investigação nos conduz a investigar camadas de constituição ainda mais originárias, que possibilitariam a realização destes atos.

apreende; assim como os diversos tipos de atos que dela emanam. Neste momento do itinerário husserliano – em que suas investigações se ocupam exclusivamente dos *atos* e das *vivências* – Husserl ainda não era capaz de encontrar um Eu Transcendental, a partir do qual estes atos emanariam. Como ele mesmo afirma (HUA XIX/I / HUSSERL, [1900] 2015, p. 310):

Devo agora confessar que não consigo encontrar, pura e simplesmente, esse eu primitivo, enquanto centro de referência necessário. A única coisa que estou em condições de notar e, por conseguinte, de perceber, é o eu empírico e a sua relação empírica com aquelas suas próprias vivências ou com aqueles objetos externos que se tornam, num instante dado, objetos de especial “consideração atenta”, se bem que, tanto “fora” como “dentro”, muita coisa sobeja a que falta esta relação com o eu.

Portanto, no percurso das *Investigações Lógicas*<sup>5</sup>, o único Eu que somos capazes de encontrar é o Eu Empírico, que não se mostra necessário para a elaboração de uma fenomenologia das vivências e dos atos. Entretanto, como aponta Husserl, este Eu Empírico, compreendido aqui como a própria personalidade empírica, não possuiria o teor de evidência necessário à investigação fenomenológica, por possuir o caráter de transcendente.

Assim, uma percepção qualquer do eu, ou uma percepção qualquer de um estado psíquico relacionado ao eu, decerto não é evidente, se pelo eu se entende aquilo que todo mundo entende e acredita perceber na percepção do eu, isto é, a própria personalidade empírica (HUA XIX/II / HUSSERL, 1968, 6ª IL, Apêndice, §4, p.179).

Já em *A Ideia da Fenomenologia* (1907) Husserl nos apresentaria o método fenomenológico da redução transcendental; mas, neste momento, o Eu ainda recairia sobre o golpe da *epoché*. Ao efetuar a suspensão de juízos, atribui-se índice de nulidade às objetividades, ao mundo objetivo e, também, a este Eu; o Eu Empírico e Psicológico, o único que a fenomenologia ainda é capaz de encontrar. Husserl afirma ainda que (HUA II / 2000, p.29):

[o campo de investigação fenomenológica] é um campo de conhecimentos absolutos, para o qual ficam indecisos o eu, o mundo, Deus e as multiplicidades matemáticas e todas as objectividades científicas; conhecimentos que, portanto, não são dependentes destas coisas, valem o que valem, quer a respeito deles se seja céptico ou não.

Nesse momento, o Eu é concebido ainda como um objeto transcendente, e “a todo o transcendente (que não me é dado imanentemente) deve-se atribuir índice zero, isto é, a sua existência, sua validade não devem pôr-se como tais, mas, quando muito, fenômenos de

---

<sup>5</sup> Consideramos, aqui, a Edição A das *Investigações Lógicas*, publicada em 1900, anteriormente aos acréscimos realizados após a publicação de *Ideias I*, em 1913.

validade” (HUA II / HUSSERL, 2000, p. 25, 26). Portanto, assim como a toda transcendência, deve-se atribuir a ele “índice zero”, ou seja, deve ser desconsiderado pelo campo de investigação fenomenológico, e recair sobre a *epoché*.

Posteriormente, com a publicação de *Ideias I*, a fenomenologia é elevada a um estatuto de *Idealismo Fenomenológico Transcendental*. Daí em diante, se ocuparia em explicar como a consciência constitui o vivido, agora imanente ao campo transcendental. Entretanto, estes vividos agora aparecem como emanando a partir de um Eu que os apreende. De forma que “todo ato num sentido eminente é caracterizado como ato do eu” (HUA III / HUSSERL, [1913] 2016, p. 182). Não mais um Eu Empírico ou Psicológico, mas um Eu Transcendental que constitui os seus vividos.

Em sua obra de 1931, *Meditações Cartesianas*, Husserl esclarece pormenorizadamente o que viria a ser compreendida como uma Fenomenologia Genética (e que nem por isso deixaria de ser uma fenomenologia transcendental), atendo-se à gênese e constituição deste Eu, que constituiria aquilo que é por ele apreendido na imanência da sua esfera de propriedade. Portanto,

só pela Fenomenologia da Gênese se torna o eu compreensível como uma conexão infinita de *realizações* que se correspondem sinteticamente, e certamente de realizações constitutivas, que outorgam validade a níveis sempre novos de objetos que são em diversos níveis de realidade. Torna-se compreensível como o *ego* apenas é o que é numa gênese, pela qual são por ele sempre intencionalmente apropriados, provisória ou duradouramente, mundos que são, reais e ideais (HUA I / HUSSERL, [1931] 2013, p. 28).

Com isso, é visível que o ego, constantemente constituído a partir de sua relação com os vividos por ele intencionados, só pode ser compreendido a partir de uma investigação genética; que aborde sua dimensão de constituição mais fundamental, desde aquilo que motivaria afetivamente o posicionamento do Eu até a realização do ato de atenção propriamente doador e objetivante.

Portanto, após estas breves considerações, reconduziremos nossa investigação à abertura do campo transcendental em busca da consciência constitutiva originária e sua relação com o Eu Puro.

### **A abertura do Campo Transcendental**

O recurso metodológico da *epoché* permite à fenomenologia atingir o seu estatuto de transcendental a partir da abertura deste novo campo de investigação. Após a suspensão

da atitude natural, a parentização dos juízos de existência sobre as coisas, poderíamos então realizar uma recondução da atenção à esfera de imanência. Desta forma, pode-se realizar uma *variação eidética*, submetendo o objeto a uma variação exaustiva pela imaginação, de forma a reter o núcleo *noemático* invariante do vivido, realizando, assim, *uma intuição de essências*. Portanto, após efetuar a *epoché*, a consciência é reconduzida a posicionar, reflexivamente, a consciência originária doadora de sentido pela realização da redução transcendental. Como Husserl nos mostra, em *Ideias I*:

[D]esignemos a consciência “pura” [...] também *como consciência transcendental*, da mesma maneira que designaremos como *εποχή transcendental* a operação por meio da qual é alcançada. Em termos metodológicos, essa operação será decomposta em diferentes passos de “exclusão de circuito”, de “parentização”, e assim nosso método assumirá o caráter de uma redução progressiva (HUA III / HUSSERL, [1913] 2002, §34, p.85).

Nesse movimento de recondução, encontra-se a consciência constitutiva doadora de sentido. A *epoché* seria, portanto, a suspensão da atitude natural e ingênua em relação ao mundo, enquanto a *redução eidética* seria, por sua vez, a recondução (*re-ducere*) do olhar em direção à esfera transcendental da consciência em sua fundação originária.

Em *Ideias I*, Husserl nos mostra que: ao operar a redução fenomenológica, reconduzindo o olhar para o fluxo de vivências por meio de uma reflexão de tipo transcendental, a consciência encontra o Eu Transcendental, enquanto polo constituidor ao qual todos os vividos remeteriam. De forma que “[t]odo ‘*cogito*’, todo ato num sentido eminente é caracterizado como ato do eu, ele ‘provém do eu’, ‘vive atualmente’ nele” (HUA III / §80, HUSSERL, [1913] 2002, p. 182), como acompanhante indissociável de todas as *cogitatus*. Portanto, após a redução transcendental, encontramos este Eu puro, ao qual a redução não pode causar dano algum (HUA III / §80, HUSSERL, [1913] 2002, p. 183).

Ao operar a redução fenomenológica somos reconduzidos ao fenômeno, em sua estrutura originária de aparecimento, possibilitada pela subjetividade transcendental. Nesse sentido, fenomenologia transcendental se ocuparia, portanto, em explicar como a consciência constitui os objetos por ela apreendidos. Contudo, ainda é necessário se aprofundar no processo de constituição deste aparecimento.

## **A Constituição do Ego**

A Fenomenologia genética, por sua vez, é uma filosofia transcendental que investiga a gênese da constituição daquilo que torna possível a inteligibilidade do mundo – o Ego Transcendental. A investigação fenomenológica realiza um regresso ao Ego das *cogitationes* puras (HUA I / HUSSERL, [1931] 2013, §1, p. 40), analisando a gênese deste Ego, Eu puro, e investigando o seu processo de constituição em relação a seus vividos. Após realizar a *epoché* transcendental, pôr fora de validade todas as tomadas de posição perante o mundo objetivo, abre-se “uma esfera infinita de ser de tipo novo, a experiência transcendental” (HUA I / HUSSERL, [1931] 2013, §12, p.65) na qual encontro meu *ego* puro, com a corrente pura de suas *cogitationes*.

Se nós encontramos – em 1913 – uma dupla noção de Eu, que se dividiria em um *Eu Psíquico* (que deve recair sobre a *epoché*) e um *Eu Transcendental* (acompanhante inseparável de todos os nossos vividos), já nas *Meditações Cartesianas* – em 1931 – Husserl nos apresenta a um terceiro sentido de *Eu*: o *Eu Monadológico*, inseparável de seus vividos por ele constituídos e imanentes à sua esfera de propriedade. Agora, portanto, “o próprio ego concreto é o tema universal da descrição” (HUA I / HUSSERL, [1931] 2013, §16, p.76).

O Eu transcendental, como polo idêntico que se refere a todas as vivências, vive através do cogito e se constitui ao constituir os objetos por ele apreendidos, enquanto pertencentes à sua esfera de imanência. Cada raio do *cogito* em direção à sua *cogitatum* aparece como raio que emana a partir do Eu,

do eu idêntico, que vive em todas as vivências, enquanto consciência ativa, ou enquanto afetado, e que, através e ao longo das vivências, está referido a todos os polos-objeto (HUA I / HUSSERL, [1931] 2013, §31, p. 104).

Este Eu idêntico, como polo ao qual as vivências se referem, se constitui continuamente como Eu Pessoal, enquanto substrato das nossas habitualidades, de forma que este adquire uma nova propriedade permanente a cada ato que dele irradia. A cada ato que emana do cogito, a partir de um Eu, corresponde um substrato intencional, como uma convicção respectiva (HUA I / HUSSERL, [1931] 2013, §32, p.105) que não se dá de forma meramente reflexiva, mas, no entanto, pode sempre ser posteriormente recordada. Após a passagem do ato permanece nele a convicção respectiva, e mesmo que decida abandonar certa convicção, ainda é uma decisão tomada sobre uma convicção que permanece nele, que se alteraria pelo cancelamento desta ou daquela decisão. Dessa forma, o Eu “é” esta ou aquela decisão, na medida em que persiste, e se modifica a cada convicção afirmada ou

negada. Este substrato de habitualidades, que é permanentemente instituído para além de cada ato que emana a partir do Ego polo, é retido e perdura no fluxo temporal; de modo que aquilo que foi retido pode ser reativado, atuando nas constituições das objetualidades futuras<sup>6</sup>. Estas constituições, por sua vez, estariam fundadas na temporalidade originária do *presente vivo* [*Lebendige Gegenwart*] – a camada primordial de constituição da consciência originária.

É importante ressaltar a ação da temporalidade que (já desde as *Lições para uma Consciência Interna do Tempo*) representaria um papel fundamental para a constituição do objeto enquanto *unidade*. Cada percepção se daria conjuntamente a uma retenção temporal correspondente, e este substrato retencional perdura no fluxo temporal. Deste modo, ao posicionar novamente um objeto que já foi anteriormente apreendido, as retenções passadas do objeto permanecem atuais, atuando na constituição do objeto presente, na medida em que “em cada profase que constitui o conteúdo imanente, temos retenções de fases precedentes e protenções de fases advenientes deste conteúdo preciso” (HUA X / HUSSERL, 2017, §40, p. 135). Este conteúdo, que se revela como simples *unidade*, é constituído no fluxo da temporalidade originária; o que ocorreria pela gênese passiva da consciência que realizaria uma preparação ao ato propriamente doador de sentido, motivando a atividade doadora. Com isso, afirmamos com Steinbock que:

[P]assividade é o campo no qual, por leis fundamentais de associação, forças afetivas motivam a atividade do ego aos objetos, possibilitando atos de

---

<sup>6</sup>Como Husserl nos mostra, sobre a possibilidade de o conhecimento adquirido estar livremente ao nosso dispor: “Ao adquirir conhecimento originariamente, a percepção também adquire posse permanente e duradoura daquilo que foi adquirido; é uma posse que está ao nosso dispor a qualquer momento. Como algo está livremente ao nosso dispor? Apesar de esta coisa que me é já familiar se tornar vazia, está livremente ao meu dispor na medida em que a retenção mantida pode ser livremente preenchida a qualquer momento; ela pode ser tornada presente a qualquer momento por uma re-percepção no sentido de uma re-cognição [...] Se nos familiarizamos com uma coisa e uma segunda coisa aparece em nosso campo de visão, e se, a respeito do lado genuinamente visto, isto se acorda com a coisa anterior e familiar, então, de acordo com a lei essencial da consciência (em virtude da coincidência interna com a coisa previamente despertada pela “associação de similaridade”) a coisa recebe toda prefiguração epistêmica da anterior” (HUSSERL, 2001, p. 47 / Hua XI [10] §3, tradução nossa).

Na tradução de Steinbock: “By acquiring knowledge originally, perception also acquires permanent, lasting possession of what it has acquired; it is a possession that is at our disposal any time. How is something freely at our disposal? Although this thing that is already familiar to me has become empty, it is freely at my disposal insofar as the empty retention remaining behind can be freely filled up at any time; it can be made present at any time by a re-perception in the sense of a re-cognition. [...] If we have become familiar with a thing and a second thing appears in our field of vision, and if, with respect to the side genuinely seen, it accords with the earlier and familiar thing, then according to an essential law of consciousness (by virtue of an inner coinciding with the earlier thing awakened through the “association of similarity”), the new thing receives the entire epistemic prefiguring from the earlier one”.

rememoração e expectativa aos objetos constituídos como tais, isto é, como são para-nós<sup>7</sup>.

Portanto, uma investigação sobre a *passividade* se ocuparia em perscrutar os princípios associativos que atuam nos níveis primários de constituição do objeto unitário, o que viria a motivar afetivamente o posicionamento ativo do Eu em direção a esta *pré-objetualidade* [*gegenstandlichkeit*].

A gênese passiva, por sua vez, seria ainda “pré-doadora”. Ela constitui o objeto enquanto *unidade*, mas não enquanto *identidade*, de forma que nos colocaria na presença do que é dado na originalidade do ele próprio (HUA I / HUSSERL, [1931] §38 p.117). Nesse sentido,<sup>8</sup>

A passividade é o que é em si mesmo, primeiro, porque toda a atividade essencialmente pressupõe uma fundação de passividade, assim como uma formação de tipo objetivo que é já pré-constituída nela.<sup>9</sup>

Esta unidade pré-objetiva e pré-doadora age sobre este Eu, de forma a *afetá-lo* passivamente, por meio de afecções e motivações. Essas afecções se destacam, contrastando-se em relação ao fundo, e estimulando o Eu. Assim, este Eu é motivado a voltar-se a esta pré-objetualidade, dirigindo a ela um raio atencional que a posiciona ativamente, de forma objetiva. Como Husserl nos mostra:

As afecções procedem ao ego a partir da passividade do fundo: elas são o que é pressuposto [para o Ego] voltar-se a. Realizando este “voltar-se a”, o ego está em conformidade com a afecção: ele direciona a si em direção ao que está exercendo a afecção<sup>10</sup>.

O papel do Eu, portanto, inicia-se ao ser afetado passivamente pelas motivações hylética intrínsecas ao campo perceptual, enquanto um *Ego Passivo*. Este, por sua vez,

---

<sup>7</sup> Como Steinbock afirma, em sua minuciosa introdução sobre a obra, na citação original em Inglês: “passivity is that realm in which, through fundamental laws of association, affective forces spur an egoic attentiveness to objects, enabling acts of remembering and expectation to constitute objects as such, i.e., as in-themselves-for-us” (STEINBOCK, *In Hua XI*, tradução nossa).

<sup>8</sup> A citação diz respeito à obra *Analysis Concerning Active and Passive Synthesis*, traduzida por Steinbock pela coletânea *Husserliana Collected Works, volume 9*. Esta compilação engloba a tradução da Hua XI, *Análise da Síntese Passiva*, até o §48, acrescentando em sua terceira parte a Hua XXXI, *Síntese Ativa: Lições sobre Lógica “Transcendental”*, do §49 em diante. Portanto, os referidos parágrafos dizem respeito à tradução de Steinbock, não ao original em Alemão. Mas, no entanto, manteremos as distinções nas referências às obras.

<sup>9</sup> Na tradução de Steinbock: “Passivity is what is in itself first because all activity essentially presupposes a foundation of passivity as well as an objectlike that as already pre-constituted in it” (HUA XXXI / § 49, HUSSERL, 2001, p. 276).

<sup>10</sup> Na tradução de Steinbock: “The affections proceed to the ego from out of the passivity of the background: they are what are presupposed [for the ego] to turn toward. Carrying out this turning toward, the ego complies with the affection: it directs itself toward what is exercising the affection: it directs itself toward what is exercising the affection” (HUA XXXI / §49, 2001, p. 276).



responde ativamente a tal afecção ao posicionar-se em direção ao afetante, pelo direcionamento de um ato *noético*. Este ato *noético*, que doa sentido ao conteúdo *hylético* (i.e., conteúdo da sensibilidade) já passivamente organizado no campo sensorial, pode ser compreendido como o “voltar seu olhar” do Eu, em direção aos seus vividos. Este voltar o olhar do Eu possui o diferencial da atenção e, como Husserl afirma, “toda atividade genuína é realizada no âmbito da atenção”<sup>11</sup>.

### O Eu Pessoal como substrato de habitualidades

Deste *Eu Transcendental*, enquanto polo idêntico que acompanha a todas as nossas vivências, se distingue o *Eu Pessoal*, que engloba consigo o substrato das habitualidades por ele adquiridas. Este *Eu Pessoal* se constitui continuamente em relação a suas vivências, ao passo que estas são por ele permanentemente apropriadas.

O *Eu Pessoal*, enquanto *substrato de habitualidades*, se constitui ao constituir a suas vivências, na medida em que adquire uma nova propriedade a cada ato direcionado ao objeto. Assim, “em virtude de uma legalidade da *gênese transcendental*, com cada ato que dele irradia com um novo sentido objetivo, este Eu adquire uma *propriedade nova permanente*” (HUSSERL, 2013, §32, p.104, grifo do autor).

Enquanto ela é válida para mim, posso retornar repetidamente a ela e reencontrá-la sempre de novo como a minha, que me é habitualmente própria, correspondentemente, que é minha, enquanto sou o eu que está convicto – o eu que está determinado como o eu persistente através deste hábito (HUSSERL, 2013, §32, p.104-5).

Este engloba em si todas as suas convicções que permanecem a cada ato realizado, e que persistem através do hábito; permanecendo como *estilo pessoal* para além das modificações de suas convicções.

Se, por exemplo, me decido pela primeira vez, num ato judicativo, pelo ser e o ser-assim, então esse ato efêmero passa, mas, doravante, eu sou, de um modo permanente, o eu que se decidiu desta ou daquela maneira, eu tenho a convicção respectiva (HUSSERL, 2013, §32, p.104-5).

O Eu, por sua vez, permanece responsável por cada uma de suas decisões, permanecendo ainda como aquele que decidiu – na medida em que decidir contra uma decisão anteriormente adotada é, ainda sim, recuperar esta decisão enquanto negada. O

---

<sup>11</sup> Na tradução: “All genuine activity is carried out in the scope of attentiveness” (HUA XXXI / §49, 2001, p. 276, tradução nossa).

cancelamento de uma ou outra decisão configuraria uma certa modificação neste Eu, que se conserva em seu caráter de constituição continuada.

Eu decido-me – a vivência de ato deflui, mas a decisão permanece duradouramente na sua validade, quer passivamente mergulhe num sono pesado, quer viva em outros atos; correlativamente, eu sou, de agora em diante, aquele que está assim decidido, e sou-o enquanto não tiver abandonado a decisão (HUSSERL, 2013, §32, p.105).

Portanto, o Eu Pessoal persiste, enquanto Eu pessoal *estável e permanente*, na medida em que permanece *para além* de todas as vivências; de modo tal que ele compreende aquilo que persiste para além de cada vivência particular. Na medida em que suas vivências lhe são retidas, instituídas e permanentemente apropriadas, estas tornam-se em habitualidades. Este Eu conserva consigo um certo *estilo pessoal*, como aquilo de permanente que atravessa a todas as alterações, como seu *caráter pessoal*, que consiste em uma unidade de identidade pessoal.

### **O Eu Monadológico: indissociável de suas vivências**

Contudo, este Eu Pessoal, enquanto polo que acompanha a todas as nossas vivências e se constitui continuamente enquanto substrato das habitualidades, não deve ser concebido separadamente daquilo que faz com que ele se torne um Eu concreto: o fato de ele estar sempre referido a determinado objeto por ele visado, e por ele constituído no interior do seu campo de imanência. Para tanto, este Eu, concebido indissociavelmente dos vividos por ele constituídos, é nomeado por Husserl de “Eu Monadológico”. Nos termos de Husserl, (HUA I / [1931] 2013, §33, p. 106):

Do eu como polo idêntico e substrato de habitualidades, distinguimos o ego tomado na plena concreção (que pretendemos denominar com a palavra leibniziana *mônada*), na medida em que lhe juntamos aquilo sem o que ele não pode ser precisamente um eu concreto; a saber, ele só pode ser um eu concreto na pluriformidade fluente de sua vida intencional e dos objetos que são, com isso, visados e que, eventualmente, se constituem para ele como objetos que são.

O *Eu Monadológico*, por sua vez, não engloba apenas as habitualidades, mas também os correspondentes correlatos objetivos constituídos a cada ato que dele emana, juntamente com as instituições por ele constituídas (a partir de uma aquisição originária), que seriam dele inseparáveis e por ele permanentemente apropriados; na medida em que cada atividade de posicionamento institui uma aquisição a que se pode retornar posteriormente.

Notemos, portanto, que o Eu Monadológico engloba as habitualidades constitutivas do Eu pessoal, mas não só, engloba também os correlatos destas habitualidades, na medida em foram por ele apropriadas. O Eu Monadológico seria o Eu em relação aos seus objetos; o Eu compreendido juntamente com o mundo circundante que é constituído pelas suas aquisições permanentes. Portanto, o Eu Monadológico é o Eu concreto, na pluriformidade de sua vida intencional e em relação a seus objetos que são correlatos de habitualidades das tomadas de posição que se constituem no próprio Eu (§33, p. 106-7, 4ªMC).

Podemos compreender este *Eu Monadológico* como o Eu que engloba em seu campo transcendental todos os objetos a que ele se refere e por ele constituídos. Este Eu se constitui ao constituir os objetos que pertencem a seu campo de imanência, *em sua esfera de propriedade [Eigenheitssphäret]*, na qual entraríamos realizando uma certa “*epoché temática*” (HUA I / HUSSERL, [1931] 2013, §44, p.131)<sup>12</sup>. Pela realização desta redução de tipo específico, suspendem-se todas as intenções dirigidas ao alheio, permitindo-nos encontrar aquilo que nos é mais próprio na esfera transcendental. Como Husserl nos mostra:

Para começar, excluiremos do campo temático tudo o que é agora questionável, ou seja, *abstrairemos de todas as operatividades constitutivas da intencionalidade que estejam referidas, mediata ou imediatamente à subjetividade alheia* e delimitaremos, desde logo, o contexto de conjunto daquela intencionalidade, tanto atual como potencial, em que *o ego* se constitui na sua propriedade e constitui unidades sintéticas que são inseparáveis dele, por conseguinte, que devem ser imputadas à sua propriedade (HUA I / HUSSERL, [1931] 2013, §44, p.13, grifo do autor).

Abstraindo todas as intencionalidades referidas ao alheio, permanece aquilo que é mais próprio a este Eu: as suas vivências. Devido a este caráter de inseparabilidade em relação aos vividos, o Eu se mostra como polo necessário ao qual os vividos remetem. Portanto, “dada a sua inseparabilidade em relação aos objetos visados, ao constituir tais objetos por meio de seus próprios atos intencionais, o eu se autoconstitui simultaneamente como consciente” (TOURINHO, 2016, p. 92). A constituição do polo objeto, por parte do Eu,

---

<sup>12</sup> Por meio da realização da *epoché temática*, i.e., suspendendo todas as intenções dirigidas ao alheio, somos reconduzidos à *esfera de propriedade [Eigenheitssphäret]*. Esta operação é um passo metodológico essencial no argumento de Husserl contra o solipsismo, pelo qual o autor nos mostra que, até mesmo naquilo que nos é mais próprio, nós encontramos ainda referência intencional ao *Outro Eu*, enquanto outro análogo a mim, de modo que este se mostra necessariamente constitutivo da objetividade referida a mim, passível de ser apreendida igualmente pelo outro. Deste modo, a referência ao outro se mostra necessária para garantir a objetividade do mundo. Com isto, Husserl não apenas escapa ao solipsismo, mas demonstra sua impossibilidade.

coincide necessariamente com a autoconstituição da subjetividade transcendental, à qual o objeto é referido, enquanto dois polos indissociáveis de uma mesma relação.

Notamos, com isto, que a Fenomenologia genética traria como um tema central de investigação a gênese de constituição do sujeito, assim como do seu polo correlativo, o objeto por ele constituído. Esta constituição ocorre em uma camada intencional anterior à atividade doadora de sentido. Esta dimensão da intencionalidade “primitiva” e pré-doadora seria descrita como a gênese passiva, que realizaria a unificação dos vividos no fluxo intencional da temporalidade. Ao passo que esta unificação só seria possível na forma unitária universal do fluir (HUA I / HUSSERL, [1931] 2013, §37). Portanto, a ação da temporalidade seria fundamental para a constituição dos objetos, assim como para a constituição do eu, de forma que ela mesma se edifica como uma gênese constantemente passiva. Como podemos ver, nos termos de Husserl:

Só a partir de uma Fenomenologia da gênese se tornou o *ego* compreensível como uma conexão infinita, enlaçada na unidade da gênese universal, de operações que se pertencem mutuamente de um modo sintético – em graus que se devem conjugar por completo com a forma universal e persistente da temporalidade, porque esta se edifica, ela mesma, numa gênese constantemente passiva e por essência, abarca tudo que surge como novo (HUA I / HUSSERL, [1931] 2013, §39, p.119).

A temporalidade se unifica, constantemente, numa gênese passiva e universal de forma constante e gradual; de modo que os objetos se constituem em seu fluxo, fluentemente, por uma motivação que a tudo enlaça (HUA I / HUSSERL, [1931] 2013, §37). Esta gênese temporal se mantém constantemente no *ego* e garante a possibilidade de que este *ego* permaneça o mesmo; justamente porque este *ego* é capaz de reter um substrato dos seus vividos, enquanto imanentes à sua esfera de propriedade, como *ego monádico* que inclui em sua história a todas as suas constituições objectuais, reais e ideais. Assim, a cada objeto constituído pelo eu, constitui-se ao lado deste eu uma habitualidade de validação continuada (HUA I / HUSSERL, [1931] 2013, §38).

O Eu não é só um polo de atividades, mas possui também as suas correspondentes habitualidades. Estas habitualidades atuam como disposições que motivariam o aparecimento do objeto no campo perceptual, a partir das retenções das experiências passadas, que atuam como substratos das habitualidades. Sobre isso, Husserl nos mostra que (Hua IX/211; HUSSERL, 1977, §41, p. 161):

existem disposições que se acumulam nele por uma gênese, pelo fato de que ele carrega respectivos atos, e que pertencem a ele historicamente somente em recurso a ele. Com a decisão original, o Eu se torna originariamente aquele que decidiu. Ele pode imediatamente se ver deste modo, e depois se ver do mesmo modo, como aquele que ainda decidiu. O Eu possui a sua história e, baseado nessa história, ele cria um Eu que persiste por sua habitualidade como o mesmo Eu.<sup>13</sup>

Até aqui, compreendemos o processo de abertura do campo transcendental, que nos remete ao Eu Transcendental que pode ser constatado em sua relação de indissociabilidade com os atos que dele emanam. Percebemos que este Eu é estimulado por afecções, que o motivariam a voltar o seu olhar para certas pré-objectualidades [*gegenstandlichkeit*], posicionando-as ativamente, a partir de um ato intencional, carregando neste ato o diferencial da *atenção*. Este Eu Transcendental, por sua vez, quando concebido em relação com suas atividades e habitualidades, ganha o estatuto de Eu Monadológico.

### Os Múltiplos Modos de Apreensão do Eu

No entanto, permanece ainda um questionamento: como ocorreria a passagem do Eu Empírico ao Eu Transcendental? Ou ainda: haveria distinções entre esses “tipos” de Eu, seriam entidades distintas, ou apenas modos diferentes de posicionar um mesmo ente? Será que este ego pode ser manifesto e, se sim, ainda permanece a questão: como perceber este Ego, aquele que percebe? Encontraremos respostas para estas questões em duas obras de Husserl, as Huas IX e XI, onde o autor descrever como ocorreria a modificação do posicionamento atencional que faria com que este Eu se revelasse à consciência; através de dois modos de reflexão distintos.

No entanto, faremos um breve retorno a *Ideias I*, para lembrar a descrição da relação do Eu com os seus vividos. Nesse sentido, a reflexão aparece como sendo uma modificação de posicionamento do Eu em direção aos seus vividos, transcendentalmente purificados, tal como eles aparecem no fluxo da consciência. Nos termos de Husserl,

Ora, a própria reflexão é seguramente uma nova espécie de modificação geral – o *direcionamento* do eu para seus vividos e, junto com ele, a efetuação dos atos do *cogito* (em especial, atos da camada mais baixa, fundamental, e das representações

---

<sup>13</sup> Na tradução de John Scanon: they are dispositions with accrue to it by a genesis, by the fact that it has carried out the respective actus, and which belong to it historically only in recourse to them. With the original decision the I becomes originally the one who has thus decided. It can then immediately see itself as that and later see itself as the same, as the same one still thus decided. The I has its history and on the basis of its history it creates an I which persists for it habitually as the same I.

puras e simples), “nos” quais o Eu se direciona para seus *vivididos*; (HUSSERL [1913] 2016, p. 173).

Nessa reflexão, de tipo transcendental, o Eu constata que cada ato que emana do cogito em direção ao vivido aparece como emanando a partir deste Eu. Com isto, o Eu constata sua relação de indissociabilidade com os vividos que são posicionados a partir de seu raio atencional, constando-se como o *Ego-polo*, o outro polo necessário da relação. Como Husserl nos mostra (HUSSERL [1913] 2016, p. 182,3):

o “estar ocupado com”, o “posicionar-se em direção a”, o “experimental”, o “sofrer de” esconde *necessariamente* em sua essência que cada um deles é justamente um raio “a partir do eu” ou, na direção inversa, “em direção a um eu” – e esse eu é o eu *puro*, ao qual a redução não pode causar dano algum.

Este Ego, que nos é apresentado desde a publicação do *Ideias I* e permanece após a redução, “está em todos os lugares vivendo nesses atos enquanto os carrega consigo, como estando relacionado aos objetos percebidos, julgados, desejados, através desses atos”<sup>14</sup>.

Entretanto, o Ego, tal como descrito por Husserl, não deve ser compreendido meramente como um polo unificador dos nossos múltiplos vividos. Este Ego não é apenas o posicionar ativo em direção aos objetos e não se resume aos atos de tipo ego-cogito. Ele não seria apenas o polo das atividades, mas também das afecções, motivações, das paixões em geral. Este Ego, que atua como “centro peculiar das experiências vividas”<sup>15</sup>. pode ser manifesto em cada uma das vivências conscientes, na medida em que ele estaria envolvido na estrutura de apreensão do vivido; sendo ele o próprio olhar que os apreende. Como Husserl nos mostra,

o ego que está em questão aqui pode ser manifesto em cada vivência de vigília ou em cada ato vivencial, como um polo, como um Ego-centro, e assim, como envolvido na estrutura peculiar dessas vivências<sup>16</sup>.

Husserl nos mostra, com isto, que este Eu pode se manifestar, em cada uma de nossas vivências, estando entrelaçado em sua própria estrutura de aparecimento. Ele se manifestaria como um raio que emana a partir dele e em direção aos nossos vividos ou,

---

<sup>14</sup> Na tradução de Steinbock: “the ego is 20 everywhere living in these acts as carrying them out, as being related to the perceptual object, the judged object, the willed object through these acts” (Hua XI / HUSSERL, 2001, p. 17, tradução nossa).

<sup>15</sup> Na tradução de Steinbock: “the peculiar center of the lived-experiencing” (Hua XI / HUSSERL, 2001, p. 17, tradução nossa)

<sup>16</sup> Na tradução de Steinbock: the ego that is at issue here can be manifest in each lived-experience of wakefulness or lived-experiential act as a pole, as ego-center, and thus as involved in the peculiar structure of these lived-experiences (Hua XI / §5, HUSSERL, 2001, p. 17, tradução nossa).

inversamente, por um raio que se realize na direção oposta, em direção a seu fluxo de vivências. Como Husserl nos mostra, (Hua XI / §5, HUSSERL, 2001, p. 17, tradução nossa).

Isso [esta manifestação] pode ser visto pelo fato de que, ao em vez de captar este "ponto que irradia para fora" tematicamente, nós devemos exercer uma reflexão peculiar, indo na direção oposta.<sup>17</sup>

O que configuraria uma reflexão transcendental, de tipo muito particular: que reposicionaria o olhar em direção ao fluxo de vividos que emana a partir de um Eu, agora percorrendo o caminho inverso, não mais indo do Eu em direção aos vividos, mas partindo dos vividos, retornando ao seu polo de irradiação. Uma modificação na direção do olhar, voltando-se para a origem deste polo; reconduzindo o olhar de volta para a origem deste raio que emana.

Mas, neste percurso em direção inversa, também não encontramos este Eu como um polo substancial identitário, ou como algo que se dá junto com as nossas experiências. Antes, ele aparece como *a estrutura* que molda as nossas experiências, em seu funcionamento originário. Ou ainda: como a forma pura do agora permanente, no presente fluente, i.e., como o ponto zero do agora, entorno do qual o fluxo da temporalidade originária se organiza, em seu funcionamento; enquanto um mero *Eu Funcional*, compreendido como o centro de a atualidade do fluxo vivencial, sendo capaz de voltar-se sobre o próprio fluxo, trazendo-o ao aparecimento<sup>18</sup>.

Ainda assim, reiteramos que este Eu, meramente funcional, não cumpre nenhum papel na unificação do próprio fluxo da temporalidade originária – sendo este fluxo *autoconstitutivo* e *autounificante* (Hua X, §35) – mas cumpre apenas o papel de garantir que o fluxo constitutivo, ele próprio, possa ser trazido ao aparecimento, na medida em que este Eu volta-se sobre o próprio fluxo. O Eu Originário, que permanece na imanência do fluxo anteriormente a qualquer funcionamento ativo, nos é apresentado como o *Proto-Eu* [*Ur-Ich*]. Este, inicia sua participação no processo constitutivo ao ser passivamente afetado pelo conteúdo *hylético* passivamente associado, e acatar a tal afecção conferindo a esta o ato *noético* que realiza a etapa final do processo constitutivo.

---

<sup>17</sup> Na tradução de Steinbock: This can be seen by the fact that in order to grasp this outward radiating point thematically, we must exercise a peculiar reflection, one going in a opposite direction.

<sup>18</sup> Cf. HUSSERL, E. *Späte Texte über Zeitkonstitution (1929-1934): Die C-Manuskripte*. Mat. VIII. Dordrecht: Springer, 2006

Enfatizamos, ainda, que as múltiplas alcunhas utilizadas para nomear um funcionamento ainda anônimo da consciência possuem finalidade de descrever os modos de operatividade realizados a cada etapa do processo constitutivo; de modo tal que a distinção entre *Eu Originário*, *Eu Passivo*, *Eu Ativo* e *Eu Funcionante* – naquilo que se refere à esfera da passividade da consciência – apenas visam esclarecer o processo constitutivo multinível operado pela consciência; desde um momento em que o Eu ainda não participa, até o início de sua participação, ainda que passivamente, até o acatar de uma afecção por ele sofrida – mas não por ele criada – que culminaria no exercício de sua livre atividade espontânea, ao responder a tal afeção ao modo da doação de sentido [*Sinngebung*].

O Eu, portanto, não deve ser entendido como um polo vazio, ou como uma *res corpórea*, mas como *o emanar do raio* atencional em direção àquilo que nos aparece. Sobre este Eu, Husserl afirma ainda que (Hua XI / HUSSERL, 2001, p. 17, tradução nossa):

Nós não o encontramos como uma parte, como algo na vivência ou sobre ela; antes, a estrutura da vivência, sua estrutura direcional que vai em direção ao que é desejado, etc, aponta de volta para um ponto de radiação e seu direcionamento do Ego ao seu tema intencional.<sup>19</sup>

Portanto, este Eu, no exercício de sua atividade, pode ser compreendido como o raio do olhar que posiciona os seus vividos na unidade de seu fluxo. O posicionar ativo em direção ao seu objeto, o raio da atenção, que constitui a estrutura da própria vivência.

Sabemos, portanto, que o Eu Transcendental, em seu funcionamento ativo, se manifestaria à consciência através de um ato de reflexão. Porém, através de um tipo específico de reflexão transcendental, que operaria na direção inversa, voltando seu olhar para o fluxo de vividos em sua íntima relação com o Eu; apreendendo o fluxo *a partir* dos vividos, *em direção* ao Ego que os posiciona, e não partindo do Ego em direção aos vividos, tal como ocorre originalmente na reflexão transcendental.

Contudo, ainda nos resta responder no que este Ego Transcendental se distinguiria do Eu Psíquico, que ocorreria na atitude natural, e que foi deixado em suspenso após a realização da *epoché* metodológica. E não só no que se distinguem, mas também como eles

---

<sup>19</sup> Na tradução para o Inglês: We do not find it like a part, as something in the lived experience or literally on it; rather, the structure of the lived-experience, its directional structure that goes toward what is presented, toward what is wished for, etc., points back to an outward radiating point and to the directedness of this ego toward its intentional theme.



se relacionariam, e se haveria alguma relação possível. Para isto é necessário, também, retornar uma vez mais à atitude natural, e compreender como este Eu Psíquico nos aparece.

Através de uma mudança de atitude, de volta à atitude natural, posso direcionar um posicionamento objetivante a este Eu (e o faço, constantemente, naturalmente) tornando este Eu Transcendental em um Eu psicofísico. Tal processo pode ser percebido através de uma simples mudança de posicionamento. Nas palavras de Husserl,

Meu ego transcendental é evidentemente diferente do ego natural, mas não significa que seja um segundo, como se estivesse separado do mundo, em sentido natural, mas ao contrário, não está ligado ou entrelaçado com ele, no sentido usual do termo. E só no campo da auto-experiência transcendental (conservada em sua completa concretude) que pode em cada caso, pela mera alteração de atitude, ser modificada em uma auto-experiência psicológica. Nessa transição, uma identidade do Eu é necessariamente trazida à tona; na reflexão transcendental sobre essa transição a objetivação psicológica se torna visível como auto-objetivação do ego transcendental, e assim é até em cada momento da atitude natural em que o Eu se encontra ele mesmo na apercepção imposta sobre isso.<sup>20</sup>

Na atitude natural, ocorreria uma objetivação psicológica deste Eu Transcendental. Esta objetivação do Eu, por sua vez, pode ser percebida por meio de uma auto-experiência transcendental, que poderia ser modificada em uma auto-experiência psicológica, revelando-nos esta mudança de atitude. A objetivação psicológica passa a ser vista, a partir da auto-experiência transcendental, como auto-objetivação do Eu, na qual ele permaneceria durante a atitude natural.

Com isso, nossas investigações nos levam a crer que o Eu Psíquico, o Eu Transcendental e o Eu Monadológico não representariam uma triplicação da noção de Eu, nem muito menos três instâncias distintas que se localizariam em diferentes camadas da consciência; tal afirmação seria absurda. De fato, nenhum Eu está presente na consciência aos moldes de um ente substancial que poderia ser apreendido tal como uma “coisa” na consciência. O Eu, muito pelo contrário, se identificaria com este “raio do olhar” que se direciona a cada um dos nossos vividos, tal como apreendidos por uma consciência intencional.

---

<sup>20</sup> Na tradução de Dan Zahavi: My transcendental ego is thus evidently 'different' from the natural ego, but by no means as a second, as one separated from it in the natural sense of the word, just as on the contrary it is by no means bound up with it or intertwined with it, in the usual sense of these words. It is just the field of transcendental self-experience (conceived in full concreteness) which can in every case, through mere alteration of attitude, be changed into psychological self-experience. In this transition, an identity of the I is necessarily brought about; in transcendental reflection on this transition the psychological objectivation becomes visible as self-objectivation of the transcendental ego, and so it is as if in every moment of the natural attitude the I finds itself with an apperception imposed upon it ([Hua IX / 294] Apud. ZAHAVI, 2003, p. 4).

O que se modificaria, entretanto, seriam os modos de apreensão dirigidos a ele; os tipos de atos que incidem sobre este Eu, que alterariam seus modos de apreensão. À fenomenologia genética caberia realizar uma reflexão a respeito dos modos de constituição deste Eu Psicológico que nos parece muitas vezes já existir como um dado *à priori*, na atitude natural. Mas este Eu também possui uma história, uma gênese, uma vida por meio dos atos intencionais. E, tais reflexões só são possíveis de serem realizadas através de uma reflexão transcendental, dirigida sobre as camadas mais primordiais e fundamentais da intencionalidade, e que não se esquive das questões originárias a respeito da constituição dos objetos, e conseqüentemente, daquele que os apreende; o outro polo necessário da relação.

## Referências

ALVES, M. S. Pedro. “Consciência de imagem e fantasia. Ego de observação e ego de devaneio”. In. *Phainomenon*, [S.l.], n. 16-17, p. 157-176, oct. 2008.

HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas - Sexta Investigação* In. Coleção *Os Pensadores*, Trad. Zeljko Loparic, SP : Abril Cultural, 1968.

\_\_\_\_\_. *Phänomenologische Psychologie: Vorlesungen Sommersemester 1925*. Berlin/Heidelberg. Ed. Springer Science+Business Media Dordrecht, 1962.

\_\_\_\_\_. *Phenomenological Psychology – Letters, Summer Semester, 1925*. Trad. John Scanlon. The Hague, Netherlands. Ed. Martinus Nijhof. 1977.

\_\_\_\_\_. *A Ideia da Fenomenologia*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 2000.

\_\_\_\_\_. *Analysis Concerning Active and Passive Synthesis*. Trad. Anthony J. Steinbock. Illinois : Southern Illinois University at Carbondale, 2001.

\_\_\_\_\_. *Späte Texte über Zeitkonstitution (1929-1934): Die C-Manuskripte*. Mat. VIII. Dordrecht: Springer, 2006

\_\_\_\_\_. *Meditações Cartesianas e Conferências de Paris*. Trad. Pedro. M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

\_\_\_\_\_. *Investigações Lógicas*. Trad. Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

\_\_\_\_\_. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Trad. Márcio Suzuki. – Aparecida, SP : Ideias & Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Trad. Pedro. M. S. Alves. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

LANDGREBE, Ludwig. *The Phenomenology of Edmund Husserl: six essays*. Trad. Donn Welton. New York : Cornell University Press, 1981.

\_\_\_\_\_. "The Problem of Passive Constitution" In. *Analecta Husserliana VII, The Human Being in Action*. International Phenomenology Conference, 5th, Paris, 1975.

TOURINHO, Carlos Diógenes. "A Retomada da Concepção aristotélico-tomista de 'inexistência intencional' e suas consequências na tradição filosófica de Brentano no final do século XIX e início do século XX". In. *Crítica, Revista de Filosofia*, vol. 8, nº 27-28, abr-out, 2003, p.184-197.

\_\_\_\_\_. "O Desafio Metodológico de Husserl, o Exercício da *Epoché* e o Estatuto Transcendental da Objetividade Fenomenológica." In: *Revista Portuguesa de*

*Filosofia*, vol. 71, nº1., 2015. p.11-25.

\_\_\_\_\_. "O Problema da Autoconstituição do Eu Transcendental na Fenomenologia de Husserl: de *Ideias I* a *Meditações Cartesianas*." In. *Trans/Form/Ação*, vol. 39, nº 3. jul-set, 2016. p.87-100.

ZAHAVI, Dan. *Husserl's Phenomenology*. California : Stanford University Pres. 2003.

\_\_\_\_\_. *Phenomenological Mind*. New York : Routledge, 2008.

\_\_\_\_\_. *Subjectivity and Selfhood: investigating the first-person perspective*. Massachusetts : The MIT Press, 2005.

*Recebido em: 09/04/2024.*

*Aprovado em: 14/11/2024.*

*Publicado em: 29/11/2024*